

NO DIA SEGUINTE NÃO CHOVEU; NO DIA SEGUINTE NÃO CHOREI.
ESTUDANDO REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES NA OBRA *FORA DE MIM*
DE MARTHA MEDEIROS.

Luiz Henrique dos Santos Cordeiro (UEM)¹

Resumo: Tendo em vista que os relacionamentos no mundo moderno estão cada vez mais fadados a desconstruções e a reconstruções, e que os mesmos indicam como a subjetividade das pessoas se constitui, pretendemos com esse trabalho enfocar como é construída a subjetividade da personagem protagonista do romance *Fora de mim*, de Martha Medeiros, estabelecendo assim como as mulheres contemporâneas podem ser constituídas, e como suas representações, enquanto pessoas sociais, são demarcadas. Para tanto, utilizaremos as pesquisas de identidade propostas por Stuart Hall, assim como os conceitos de representação trabalhados por Roger Chartier para propor uma caracterização à personagem protagonista.

Palavras-Chave: Subjetividade; Identidade; Mulheres no Brasil; Martha Medeiros.

Abstract: In a view of the relationships in the modern world are more and more doomed to deconstructions and reconstructions and these ones indicates how peoples' subjectivity are built, we intend to focus on, with this paper, how the subjectivity is built by the main character of Martha Medeiros' novel *Fora de mim*, showing it in how the contemporary women subjectivity can be constituted, and in how they representations as social people are demarcated. Therefore, we use the researchers of identity proposed by Stuart Hall, as like the representation concepts worked by Roger Chartier to propose the main character's characterization.

Key-words: Subjectivity; Identity; Brazilian Women; Martha Medeiros.

AUTORA E OBRA

Martha Medeiros se destaca no cenário nacional, possuindo mais de 18 títulos lançados. Nascida em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 1961, trabalha como colunista em diversos jornais, e teve seu romance *Divã* adaptado ao teatro e cinema, conquistando notoriedade. Sua principal base de escrita é na identificação das mulheres contemporâneas, em seus dilemas diários e pensamentos cotidianos.

Fora de Mim foi lançado durante a 56ª Feira do Livro de Porto Alegre, e foi o segundo livro mais vendido de todo evento. Nota-se que a autora costuma trabalhar com o cotidiano das pessoas, e neste livro em especial, resolveu trabalhar com o término de um relacionamento, abordando os sentimentos e a subjetificação da personagem

¹ Mestrando em Estudos Literários na Universidade Estadual de Maringá, sob a orientação da Prof. Dra. Alba Krishna Topan Feldman. E-mail para contato: lzhsantos@yahoo.com.br

tende a ter problemas para aceitar o que aconteceu entre ela e o segundo ex-marido. As várias negações que acompanham a citação também denotam que a mesma possui negações interiores quanto ao resultado final do relacionamento, assim como a sua própria vontade, resultando em uma separação conjugal.

A protagonista, que também é a narradora, é uma mulher anônima, entre seus 40 anos, bem-sucedida, que terminou um relacionamento amoroso de longa data. Logo na sequência ela se envolve com um segundo homem e permanece nessa relação por dois anos, acarretando, por fim, uma nova separação.

A partir disso, ela narra a jornada do relacionamento entre os dois, dividindo o livro em três partes. A primeira parte envolve a descrição do momento de separação e no sofrimento adquirido, contado pela maior parte do livro. Já a segunda parte abarca a lembrança do início do relacionamento até o momento antes do término. Por fim, a terceira parte relata o processo do conformismo e aceitação da separação, e a continuidade da vida em um quarto relacionamento.

O livro começa com o relato emotivo da heroína não-nomeada, onde ela se compara a um sobrevivente de um acidente de avião. Fala especificamente do assustador momento em que se percebe a perda de altitude, a turbina sem potência, a grande tragédia tão próxima quanto irremediável. E, depois, o estrondo, o aterrorizante barulho da desgraça e, enfim, o silêncio da morte, do fim. Podemos identificar aí uma ligação entre o percurso de qualquer relacionamento conjugal com o momento do desastre aéreo, já que em ambos há uma ruptura do equilíbrio estabelecido.

A narrativa está construída como um relato informal, em primeira pessoa, que bem poderia ser uma carta dirigida ao ex-marido. Ela acumula experiências amorosas, tem filhos e uma vida equilibrada, mas assume um papel de total fragilidade diante do adeus do segundo marido.

Durante o período de aceitação do término do casamento, a protagonista embarca em uma nova aventura amorosa, sabendo, desde o início, os riscos que estava correndo quando resolve se envolver com um desconhecido apenas um dia após o seu divórcio. A relação, que dava todos os sinais de que não daria certo, teve seu desfecho esperado: o término.

Como o livro não apresenta capítulos, a narrativa é fragmentada em partes numeradas de um a três, onde a história fica dividida pelo tempo de cerca de dois anos entre a separação com o segundo esposo, o que acontece no início da narrativa, e a última relação amorosa com um dependente químico, na terceira parte. A primeira parte

do livro desenvolve-se num tom confessional, onde a personagem faz um desabafo sobre como foi a separação. Toda a narrativa é dirigida a um interlocutor inacessível e insensível aos sofrimentos da narradora, chegando quase a ser um monólogo entre ela e seu subconsciente, já que tem-se a impressão de que a mesma fala ao espelho, tanto para que possa aceitar ao término do casamento, quanto para representar algo fora de si:

Não sei se as pessoas choram de forma diferente uma das outras, eu choro contraída, como se alguém estivesse perfurando minha alma com uma lâmina enferrujada, choro como quem implora, pare, não posso mais suportar, mas o insuportável é uma medida que nunca tem limite, eu chorei no domingo, na segunda, na terça, em várias partes do dia e da noite, um choro de quem pede clemência, de quem está sendo confrontado com a morte, eu estava abandonando uma vida que não teria mais, eu sofria minha própria despedida, morte e parto, eu tinha que renascer e não queria, não quero, sinto que caí num vácuo, perdi a parte boa da minha história, e não quero outra, enquanto choro penso que se alguém me visse chorar dessa maneira me salvaria, me prestaria socorro, chamaria uma ambulância, eu nunca vi você chorar, você alguma vez chorou por mim, você sofre a minha ausência, sente minha falta? [...] (MEDEIROS, 2014, p. 19)

O texto flui como se fosse uma carta, ou seja, em estilo predominante epistolar, com alguns enxertos de reflexões. Fatos, ações e providências, como lembranças que precisam ser partilhadas são levantados, na tentativa de reconstrução de um momento marcante e desestruturador, como toda situação-limite.

Na segunda parte somos apresentados à relação com o segundo marido desde o início. Recém-saída de um casamento frio, seu primeiro casamento, a protagonista encontra nesse segundo companheiro uma motivação que faltava em sua vida. Nesse momento, percebemos como era a situação de convivência entre os dois, e também como as manifestações de amor aconteciam. A mesma continua a contar para alguém invisível, sob o seu ponto de vista, sobre o relacionamento entre os dois, enfatizando principalmente os seus desejos, como quando ela descreve que “[...] vivia em êxtase [...] era eu fora de esquadro, eu descentrada, ou seja, fora de mim. A questão era simples: para continuar ao seu lado, eu teria que desistir de mim (MEDEIROS, 2014, p. 58)”.

Assim, a personagem finalmente nos leva à última fase, que não chega a ser em si uma superação propriamente dita, mas que consiste em um estado de conformismo, onde fica apta a nos envolver emocionalmente com outras pessoas e reconstruir planos. Entretanto, mesmo estando em seu último estágio de sofrimento, a personagem é relutante em simplesmente esquecer ou superar.

Doeu perder você. [...] É uma dor que se externa. Uma dor que se chora, que se berra, que se reclama. Uma dor que tentamos compreender e voz alta, uma dor que levamos para os consultórios dos analistas, uma dor que carregamos para mesas de bar, e que vem junto também para a solidão da nossa cama, para o escuro do quarto, onde permitimos que ela transborde sem domínio e sem verbo. A dor massacrante do abandono, da falta de telefonemas, da falta de beijos, da falta de confidências. no entanto, perde-se o homem, perde-se a mulher, mas o amor ainda está ali, mesmo sendo o deflagrador do vazio. Por estranho que pareça, há uma sensação de pertencimento, algo ainda está conosco. A saudade é uma presença. (MEDEIROS, 2014, p. 87)

Nesta parte final do livro, há um claro afastamento daquele momento inicial do desastre da separação, tanto do ponto de vista temporal quanto do afetivo. Quase como num romance de educação, faz-se o inventário das perdas e ganhos, chega-se à predominância da racionalização e à iluminação de alguns pontos obscuros anteriores. Do ponto de vista temporal é importante observar que a trama começa pelo fim. Inicia-se pela separação do casal e na segunda parte do livro surge o começo da relação e o que ela representou.

A REPRESENTAÇÃO PELA AUSÊNCIA

Segundo Chartier (2002, p. 64-65), o conceito de representação pode ser compreendido de algumas maneiras, como quando faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção entre o que é representado e o que representa, revelando assim o objeto ausente, substituindo-o por uma 'imagem' capaz de remetê-lo a memória; pela apresentação de uma pessoa, ou a apresentação pública de um objeto e/ou pessoa; pela relação entre imagem com um objeto ausente que traça a teoria do signo clássico; pelas possíveis incompreensões da representação, ora por falta de preparação do leitor, ora por extravagância do significado existente; ou pela fraqueza de imaginação, onde pode-se tomar o engodo pela verdade, o que reproduz respeito e submissão.

Assim, a História, é levada a reformular seus objetos, suas referências e seu princípio de inteligibilidade, destacado do paradigma crítico e redefinido por uma filosofia de consciência. O trabalho histórico não mudou devido, ou a crise das ciências sociais, ou pela mudança de paradigma, mas sim pelo trabalho com a inteligibilidade. Esta se dividiria em três aspectos, que, primeiramente, renunciariam ao projeto de história global, assim como à definição territorial dos objetos de pesquisa, e, por fim, pelo recorte social que organizaria as diferenciações sociais.

Nesse sentido, ao longo da história e das pesquisas sobre a representação, os historiadores tentaram decifrar e descrever as diversas sociedades fora de um sistema

hierárquico, de práticas e temporalidades e sem as determinações inerentes as sociedades pesquisadas. Considerou-se então que “[...] não há uma prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo.” (CHARTIER, 2002, p. 66)

Desta forma, a história mostrou que é impossível encontrar os motivos, os objetos e as práticas culturais sem vinculá-los ao contexto histórico. Assim, eles deixam de ser agentes, não mais como a representação da apropriação social dos discursos, enquanto apropriação fica distante também do sentido de aplicação de uma configuração narrativa particular à situação do leitor que refigura sua visão de si mesmo e do mundo.

No romance estudado, percebe-se uma forte tendência à representação de uma pessoa ausente, que ocuparia um espaço na vida da narradora personagem. Entretanto, essa representação é feita pelo próprio vazio palpável que permeia os três momentos da narrativa. Nesse sentido, a representação por algo que não está mais ali, configuraria numa capacidade da protagonista de constituir sua própria identidade, e mais ainda, rever a si mesma como um sujeito social. Assim, quando ela diz “[...] hoje eu estou acordada pro eterno pesadelo, você era meu, droga, exclusivamente meu até dias atrás, meu como esse sofrimento”. (MEDEIROS, 2014, p. 23), podemos inferir algumas características pertinentes a esse sujeito, que vinculado ao mundo contemporâneo, necessita de uma âncora psicológica e relacional para que possa se constituir.

Quando a mesma volta a afirmar que

[...] eu te amo e quero te matar, queria que você evaporasse, onde eu te incinero, te escondo, te enterro, me conta onde fica esse esconderijo secreto, o mesmo onde você sumiu com todos os ‘Eu te amo’ que me disse (MEDEIROS, 2014, p. 27),

temos a ideia de que embora não esteja presente, a figura do segundo ex-marido se torna constante e constituinte durante a construção, e reconstrução da protagonista. Dessa mesma maneira, a representação de uma pessoa ausente nos é mostrada como um alívio, uma forma de a narradora não permanecer isolada e sozinha durante a narrativa. Nesse sentido, ela também nos remete à forma de representação, demarcada por Chartier (1991, p. 184), como “A relação de representação — entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga [...]”.

Embora a figura palpável do segundo ex-marido não adquira mais presença

perante a protagonista, entende-se que sua ausência é uma pequena forma de ela ainda se lembrar dele, assim como demarca a inconstância da mulher na obra, caracterizando-a como frágil, e dependente, a princípio, já que no início do romance ela se sente perdida por não estar ao lado do segundo ex-marido, como em

[...] você não percebeu, bati a foto enquanto você lia o jornal, tão lindo, você era tão lindo, você ainda é o mesmo homem depois de ontem, o mesmo homem sem mim? Eu me olho no espelho e não me enxergo, não sou mais a mesma, perdi a identidade. Tirar suas fotos de vista me pareceu uma providência curativa, agora você não o verá mais, querida, vai esquecê-lo mais rápido, como somos inocentes. E eu lá quero esquecê-lo? Sua presença ainda está tão quente dentro desse apartamento, o colchão ainda está meio afundado do lado em que você dormia (MEDEIROS, 2014, p. 18-19),

E conseqüentemente, sente falta daquele companheiro, mesmo que tenha passado por momentos de dominação, derivados do ciúme excessivo. Neste momento, percebemos que a protagonista retraiu em si toda a condição emancipadora que lutou por toda a sua vida. A autora nos conta que a mesma já era uma pessoa com bons ganhos e com uma vida estável, socialmente falando, e mesmo com toda a conquista que conseguiu, a mesma se sente vinculada ao segundo ex-marido.

A partir disso, podemos refletir em como a representação da mulher, e posteriormente das mulheres é tratada pela autora, já que a mesma refaz todo o percurso de sofrimento na terceira parte, com a atual esposa do segundo ex-marido. Escolher uma posição de subordinação não leva nenhuma delas para uma condição de superiores, mesmo ambas possuindo bons empregos e profissões, mas as deixa subalternas à vontade masculina.

Com isso, remetemos a Bourdieu (1998, p. 22), que nos diz que

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão.

Tal evento de subordinação acusa as personagens femininas na obra a se comportarem conforme os padrões sociais que lhes são esperados, ocasionando assim uma inconformidade com os seus próprios desejos e vontades. Inadvertidamente, são esperadas atitudes de caráter familiar, como serem boas esposas, mães zelosas ou donas do lar, e que acontecem em decorrência de ideologias dominantes em diversas sociedades. Quando há o rompimento destes padrões, ha também um choque de realidade, e uma crise identitária, pois falta a essas mulheres um norte a se seguir.

No caso desta obra em questão, a emancipação da dominação acontece para a personagem sem nome quando ela decide arriscar a sua vida futura com uma pessoa que não segue todos os padrões impostos pela sociedade, como a autora nos conta em:

[...] Estou apaixonada por um junkie. Um homem com total domínio de suas responsabilidades profissionais, que tem o respeito dos amigos, uma rotina saudável de esportista, que não fuma e bebe pouco, mas não abre mão de algumas alucinações programadas.[...] (MEDEIROS, 2014, p. 114-115)

Tal fato adverte ao leitor que sua concepção identitária se fragmenta, uma vez que para superar um fator traumático, ela precisa readaptar a sua vida, e ocasionalmente, reconstruir sua identidade, mesmo que continue vinculada a uma pessoa.

Entretanto, esse é um caminho pedregoso, afinal para que ela aceite a solidão e passe a ‘superar’ a separação, a narradora passará por uma dura lição de autoaceitação, onde precisará reavaliar seu papel enquanto sujeito social e não apenas como subordinada. Assim, percebemos que a personagem, ao longo da narrativa, vai se distanciando de seu papel social imposto como mulher, o que segundo Bourdieu (1998), é entendido como

A leitura estritamente semiológica que, concebendo a troca de mulheres como relação de comunicação, oculta a dimensão política da transação matrimonial, relação de força simbólica que visa a conservar ou aumentar a força simbólica, e a interpretação meramente ‘economicista’, marxista ou outra, que, confundindo a lógica do modo de produção simbólica com a lógica do modo de produção propriamente econômica, trata a troca de mulheres como uma troca de mercadorias, têm em comum o fato de deixarem escapar a ambiguidade essencial da economia de bens simbólicos: orientada para a acumulação do capital simbólico (a honra), essa economia transforma diferentes materiais brutos, no primeiro nível dos quais está a mulher, mas também todos os objetos suscetíveis de serem formalmente trocados, em dons (e não em produtos), ou seja, em signos de comunicação que são, indissociavelmente, instrumentos de dominação (BOURDIEU, 1998, p. 57, grifos do autor).

Tal fato acontece no romance quando, mesmo estando num relacionamento agradável com um novo parceiro, a protagonista não pretende repetir o acontecido, ou seja, o casamento e as relações anteriores, já que ela teme que aconteça uma nova separação. Como forma de quebrar a lógica do modo de convivência conjugal, ela decide romper com o atual namorado, o terceiro na narrativa, de forma que a proposta de uma nova união não aconteça, alegando para tanto que:

[...] Eu vinha de uma linhagem de mulheres que não se julgavam capazes de ser mais do que donas de casa. Eu vinha de uma infância que contradizia todo o meu ardor: me educaram para ser passiva e agradecida, logo eu, um bicho

esfomeado. Sexo sempre foi minha principal fome. E foi uma decepção quando descobri, ainda na infância, que pensar assim era vulgar. Eu teria que me adaptar a um padrão mais consciencioso, teria que priorizar minhas escolhas focando apenas nos benefícios que me trariam (MEDEIROS, 2014, p. 116).

Com isso, retornando à Chartier (2002), o autor nos convida a refletir sobre as figuras de poder, onde o mesmo propõe, primeiro uma rearticulação das práticas culturais, e na sequência, em uma investigação das formas de representação que possam surgir na transformação no exercício do poder. Primeiramente, a liberdade do sujeito em compreender, implica dois problemas, em ignorar as exigências que regulam as representações e as ações, e ao supor uma eficácia própria às ideias e aos discursos, separados das formas que os comunica.

Além disso, como segundo ponto para análise, é necessário destacar as investigações que devem ser feitas sobre as transformações das estruturas da personalidade, além daquelas sofridas pelas instituições e regras que governam a produção das obras e a organização das práticas, a emergência de uma esfera literária autônoma, e sob a constituição de um mercado de bens simbólicos e de julgamentos intelectuais ou estéticos.

Dessa mesma maneira, essa forma de representação, de uma pessoa ausente, nos é mostrada como um alívio, de forma que a protagonista não permaneça isolada e sozinha durante a narrativa, mesmo que a presença seja por parte de uma outra personagem mais problemática. Assim, é possível aproximar essa forma de representação, demarcada por Chartier (2002, p. 184) como “A relação de representação — entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga [...]” da personagem do ex-marido, já que mesmo não estando fisicamente próximo da protagonista, exerce um poder sobre o qual ela não escapa, e a persegue constantemente.

Nesse momento, percebe-se que a desestrutura da personagem é motivada pelo medo de não encontrar meios de assumir uma posição ideológica para si própria, mesmo lutando para poder descobrir-se enquanto sujeito social.

A SUBJETIVIDADE EM *FORA DE MIM*

Para Hall (2005, p. 16), as identidades modernas são fragmentadas de acordo com a concepção de sujeito moderno, tendo em vista, não apenas sua desagregação, mas

também seus deslocamentos espacial, temporal e, sobretudo, discursivo. Tal concepção surge derivado a grandes pensadores que estudam a identidade através de condições sociais e íntimas das pessoas, como Lacan, Freud e Foucault.

Com isso, Hall (2005, p. 25) reafirmando Willians (1976), conceitua dois significados para a identidade dos seres humanos na história moderna, sendo a primeira como um sujeito “indivisível”, uma entidade unificada em si próprio e que não pode ser dividida além de si, e na sequência, como uma entidade “singular, distintiva, única”. Nesse sentido, o sujeito não pertence mais a um ambiente, e sim à sua constituição. Ele não mais segue as regras impostas, mas procura estabelecer-se de acordo com seus vícios e sua fragmentação.

Na obra citada, por todos as três fases da narrativa, a fragmentação da personagem é muito visível, de forma que a mesma pode ser caracterizada como dependente do sofrimento. A protagonista “sem-nome” somente se realiza e se constrói a partir de seus momentos de dor, o que a fragmenta em uma escala desigual. Percebemos que, durante a narrativa, o mundo e a sociedade cotidiana a atormenta e a problematiza em sua subjetividade. Como exemplo, em um determinado momento da primeira fase da obra, ela recebe uma ligação para retirar um aparelho de telefone celular novo em uma determinada loja, e isso tanto causa na protagonista uma euforia, já que poderá se esquecer de seu martírio sentimental, quanto causa desconforto, conforme em

Recebo um aviso da minha operadora de telefonia de que há um celular novo e grátis a minha espera, como se fosse Natal [...], e eu corro para o shopping porque finalmente tenho um compromisso inadiável e esse é o verdadeiro prêmio, agora tenho algo para me ajudar a esquecer de você por três segundos, tenho que buscar um novo celular, que acontecimento, que espetáculo, um aparelhinho com a caixa de mensagens vazia, sem um único torpedo seu: merda, já estou pensando em você de novo. (MEDEIROS, 2014, p. 23)

Desta maneira, um símbolo, como um aparelho celular, também demarca na protagonista sua fragmentação identitária, pois, ela pretende esquecer do ex-marido, ao mesmo tempo que já pensa nas mensagens que ele enviou no aparelho antigo. A “novidade”, desta forma, traduz-se em uma ambiguidade subjetiva, já a faz refletir sobre tudo que é novo em sua vida, e que não mais traz seu segundo ex-marido aliado a ela. Nesse sentido, percebe-se que as fragmentações identitárias, não podem ser somente feitas tendo em vista o ponto de vista único de seus protagonistas ou personagens, mas também do contexto de onde esses personagens são construídos. Desenvolver uma

problematização a partir do período contemporâneo traduz em muito, os problemas percebidos por essa protagonista, de forma que conduz os leitores, a tomarem partido em favor do sofrimento gerado pela separação.

Retornando à Hall (2000, p. 8), o que dá sentido às identidades é tanto a linguagem que os mesmos possuem, quanto aos sistemas simbólicos pelas quais eles são representados. Nesse caso, a representação atua para classificar o mundo e nossas relações no seu interior.

Dessa maneira, percebe-se que a identidade é relacional. Uma determinada identidade para existir depende de outra já formada ou em constituição, que esteja fora e que divirja da primeira, mas que proporcione a ela condições de que ela exista. Ou seja, a identidade se distingue e se constitui a partir daquilo que ela não é, marcada principalmente pela diferença, além de ser também marcada pelo gênero. Os homens, neste caso, relegam as mulheres em condições secundárias, ou então as constituem de acordo a eles. Em outras palavras, o homem tende a constituir a identidade feminina a partir do que ele imagina que elas devam ser, ao contrário de como elas realmente são. Segundo Hall (2000, p. 11), “As mulheres são os significantes de uma identidade masculina partilhada, mas agora fragmentada e reconstruída, formadora de identidades nacionais distintas, opostas”.

Entretanto, na obra trabalhada, percebe-se que a identidade da protagonista é (re)construída a partir do posicionamento que a mesma faz sobre si própria, tendo em vista como o ex-marido, e a sociedade exigem que ela se posicione perante os mesmos. Dessa maneira, ela imagina e age de acordo com o pensamento de como deve ser sua posição perante o restante do mundo, já que para a mesma, os detalhes que as outras pessoas desconhecem podem prejudicar ainda mais a sua fragmentação identitária. Nesse sentido, durante o início do segundo casamento, a protagonista nos apresenta uma mudança perceptível em seu modo de ser e agir:

Eu me deixei levar por tudo o que não era eu, ou que deveria ter sido eu, porém uns trinta anos antes. Coisas que eu achava cafona passaram a ser divertidas, acordar com pétalas de rosas pelo chão era hilário, termos um gosto musical totalmente oposto parecia desafiador, eu estava diante do meu reverso e curti à beça essa visita por uma galáxia misteriosa, que me permitia, no início, inventar um personagem e, aos poucos, fazer a coisa se tornar ainda mais excitante: abandonar a personagem para me tornar real, ser eu mesma em uma versão até então lacrada, desconhecida – você me abriu para uma nova essência de mim, Muito prazer, garota. Olha só que você *também* é. (MEDEIROS, 2014, p. 53, grifos da autora)

Dessa forma, nota-se que a identidade também é marcada pelos símbolos, já que

ela está ligado aos objetos que as pessoas usam, o que caracteriza as marcas ideológicas. Sob essas perspectivas, a construção de identidade ocorre tanto de forma simbólica quanto social, o que causa consequências nos vários aspectos dos seres humanos, em seu psicológico e no mundo material.

Com isso, Hall (2000) sugere alguns aspectos que precisam ser analisados. Ao trabalhar com as identidades, é necessário conceitualizá-la já que ela envolve reivindicações essencialistas sobre o pertencimento em um grupo, ou se não há esse pertencimento. É preciso verificar se as reivindicações que determinados grupos realizam estão baseados na natureza dos sujeitos, sua raça ou ancestralidade, assim como perceber que a identidade é relacional e se estabelece por meio da relação das diferenças simbólicas com outras identidades.

Hall (2000) pontua também que a identidade está vinculada de acordo com o contexto sócio material, ou seja, dependerá do meio em que os sujeitos se encontram. Nesse sentido, o social e o simbólico são diferentes, mas ambos constituem e mantêm a identidade, já que “[...] a marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído” (HALL, 2000, p. 14). Assim, conceitualizar identidade envolve o exame de sistemas classificatórios que mostram como as sociedades são organizadas e divididas, mesmo que algumas diferenças sejam mais demarcadas, e outras são omitidas.

É possível que verifiquemos que o sentido de dominação e pertencimento de algo para alguém é um fator imprescindível para a compreensão da leitura do romance. Nesse sentido, perceber que os valores de dominação constituem a principal ideologia da protagonista torna-se o mote para identificar o seu sofrimento, e não se desvincula de sua construção identitária. Quando ela afirma que “[...] hoje eu sou estou acordada pro eterno pesadelo, você era meu, droga, exclusivamente meu até dias atrás, meu como esse sofrimento” (MEDEIROS, 2014, p. 23), o resultado desta enorme dependência perante o segundo ex-marido, para a mesma, é a perda do poder que ela tinha por si mesma, e do pertencimento ocasionado por ela sobre ela.

Assim, consegue-se explicar porque as pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com elas. Deve-se levar em conta, então, os aspectos psíquicos sobre as identidades. A significação e a representação estão intimamente ligados, e somente constituirão uma identidade a partir de quando ambas se tornarem formas de discurso. Dessa forma, uma crise de identidade ocorre porque há uma batalha entre os antigos padrões e ideologias contra um questionamento das novas ideologias.

Medeiros (2014) nos mostra bem essa forma de crise existencial com o uso de imagens bastante simbólicas presentes por toda a narrativa. Entretanto, torna-se necessário citar o momento onde ocorre a separação entre a protagonista e o segundo esposo. A descrição que é feita do momento permite ao leitor que visualize a imagem de separação, de forma que consiga sentir intimamente o sofrimento. Assim, quando a protagonista fala

Você lembra como eu chorei aquela noite, lembra do fim, você não pode ter esquecido aquela cena, [...] você olhando para fora da janela, enquanto eu derramava toda a minha frustração e meu desespero (MEDEIROS, 2014, p. 15),

O leitor pode construir um cenário imaginário onde caracteriza ambas as personagens, e ambas as motivações, já que o momento entre os olhares demonstra um deles chorando e o outro não encontrando solução para a situação conjugal, e indo embora.

Nesse sentido, quando a protagonista está envolvida com um terceiro namorado, e este pretende se casar, ela recusa o pedido, alegando e justificando para si que

Mas o que eu quero dizer é que estava tudo numa boa, e eu não estava nem um pouco interessada a transformar esse ‘numa boa’ em algo mais apocalíptico, tipo um casamento. Mas como está convenicionado que toda mulher sonha com casamento e todo homem foge dele, a inversão de papéis não pegou bem pro meu lado. Aí começou o problema (MEDEIROS, 2014, p. 95, grifos da autora).

A este fato, podemos inferir que os sentidos de uma obra são adquiridos por meio de adequação do leitor, em comum acordo com a obra. Com isso, percebemos que o mundo dos sentidos é único, já que os sentidos são coletivos perante uma determinada sociedade, porém qual sentido será dado para determinado aspecto, dependerá do ponto de vista dos indivíduos que estão recebendo a obra, já que a recepção se torna individual.

Nesse sentido, compreender como as personagens femininas são trabalhadas e constituídas, auxilia ao leitor a talvez compreender algum determinado momento de sua vida, e dessa forma, a enfrentar qualquer problema, seja psicológico, seja emocional, através de uma maneira diferenciada, ou através de outros pontos de vista.

CONCLUINDO

Fora de mim é uma obra riquíssima para podermos compreender a natureza

feminina na contemporaneidade, principalmente daquelas mulheres que vivem em diversas partes do Brasil. Torna-se importante que a investigação pela identidade seja sempre trabalhada, já que faz o leitor se relacionar com as vivências e dificuldades das protagonistas ou de personagens constantes na obra.

Chegamos aos seguintes fatos sobre a personagem principal do romance, tendo em vista que ela encontra-se fragmentada em sua subjetividade, uma vez que a presença de símbolos materiais a faz perder a razão, e encarar a sensação de tristeza e quase depressão. Ainda assim, percebemos que a construção da mesma personagem se faz através de algumas reconstruções identitárias ao longo da narrativa, já que ela precisa sentir-se pertencente a alguma pessoa, e, mesmo subordinada a ela, não se sente completamente feliz ao seu lado.

Tais características podem ser notadas à sociedade contemporânea, uma vez que esta encontra cada vez mais vinculada à plasticidade das relações afetivas e à rapidez de suas relações, causando nos sujeitos, assim como na protagonista, um invariável sofrimento decorrente do não pertencimento a alguém. Tais sensações não são somente provenientes nas mulheres, mas em toda uma sociedade que vive em meio ao caos da rotina moderna. A narrativa constante e de um tom de desabafo, constrói junto ao leitor, uma espécie de diário de subjetividades e remete a um momento histórico bem demarcado, já que promoções de lojas, corridas em parques, compras de imóveis com pessoas sem qualquer ligação legal, e viagens ao exterior frequentes, transformam e aproximam o leitor à vida da protagonista.

Assim, ao estabelecermos que as identidades contemporâneas são caracterizadas pelo momento histórico, e que as representações dos sujeitos destes momentos históricos são fundamentais para a construção da identidade das personagens em obras contemporâneas, conseguimos perceber porque atualmente existem tantos problemas psicológicos entre as pessoas, tanto com os jovens quanto com os adultos, e em como esses conflitos são resolvidos, onde na maioria das vezes, não se procuram as soluções inteligentes ou maduras, mas aquelas que partem para uma infantilidade de atos e resultam em mais fragmentações identitárias entre os sujeitos.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11 ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRAITH, Beth. *A personagem*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1985.

CÂNDIDO, Antônio et al. *A personagem de ficção*. 13 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.

_____. *O mundo como representação*. Estudos Avançados. ed. 11, vol. 5, ano 1991. página 173-191.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Traduzido por Tomaz Tadeu Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

MEDEIROS, Martha. *Fora de mim*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.